

## **EU NÃO VIM PARA EXPLICAR, EU QUERO MESMO É CONFUNDIR: UMA LEITURA DE *MACUNAÍMA***

Marinei Gomes Santos<sup>1</sup>  
*nei2santos@hotmail.com*

Toda pessoa tem direito de escolher o que ler para o seu deleite. Seus livros e suas histórias deveriam ser selecionados como bem lhe convierem, a seu bel prazer. Mas, num outro momento, e principalmente na vida acadêmica, algumas leituras são nos oferecidas de maneira quase imposta. Ler “Macunaíma”, de fato, não foi opção, foi sugestão, beirando à obrigação.

Li-o e segui o fio da narrativa, sem pressa, sem fazer análise, sem me prender ou me preocupar com as possíveis críticas que o autor estivesse fazendo a isso ou àquilo. Porém, algumas vezes, a leitura foi interrompida por algum questionamento sobre a importância da obra para a literatura brasileira.

Só mais tarde, estudando os prefácios sobre a obra, lendo sobre a Semana de Arte Moderna, conhecendo seus principais articuladores, entendendo a força que ganhou o movimento Modernista, ficou mais clara a intenção do autor com sua produção e, com isso, foi possível identificar características que, podem sim, representar o povo brasileiro no personagem central. Entre elas, a malandragem que está contida no nosso “herói sem nenhum caráter”.

Nesse universo criado por Mario de Andrade é possível perceber no personagem principal a preguiça, a sacanagem, a esperteza, a alegria, a malícia e também a maldade, elementos típicos do bom moço brasileiro que “gosta de levar vantagem em tudo”. “O cara” geralmente ganha a vida na moleza, vive às custas do suor alheio, está sempre de bom humor, tem sempre um bom discurso e a melhor piada, pois é um recurso muito eficaz para amenizar os problemas dos que vivem à sua volta, bem como de conseguir o que quer e quando quer. Esse malandro que nasce e cresce em todas as regiões do Brasil consegue entrar nos lugares mais improváveis, transitar solenemente entre o sagrado e o profano, entre o certo e o errado, entre o bem e o mal, também pode passar do choro fácil ao riso farto dependendo das

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

circunstâncias. Macunaíma é um fino representante da arte da malandragem, é um *bon vivant*, um labioso e nos dá mostras da sua perspicácia no capítulo V, quando fala ao irmão que vai no encontro de Venceslau Pietro Pietra: “- Pois vou mesmo. Onde me conhecem honras me dão, onde não me conhecem me darão ou não!”.

E “Macunaíma”, a obra, “bagunçou o coreto”, mostrou a que veio, com a intenção de romper com um modelo de produção cultural importada, de inaugurar uma nova fase da cultura brasileira, de valorizar essa cultura, de desafiar a sociedade da época e de questionar a identidade nacional. Encontrou barreiras e entraves, mas, por outro lado, abriu caminhos para o novo e a literatura brasileira se desvencilhou de velhas fórmulas de produzir arte.

Talvez tenha sido a “bagunça” de Mario de Andrade com o seu “Macunaíma”, a inspiração para a célebre frase dita muitas vezes pelo não menos bagunceiro apresentador de televisão Chacrinha nos programas de sábado à tarde: “Eu não vim para explicar, eu quero mesmo é confundir”.